

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos



Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>

PARABÉLUM: FACES DA MODERNIDADE E BUSCA PELO¹ PENSAMENTO COMPLEXO

Lídia Barroso Gomes

Profª Drª Odalice de Castro Silva

Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

Uma reflexão filosófica sobre o panorama do mundo ocidental da atualidade reporta-nos ao Iluminismo, século XVIII, momento histórico considerado como um marco na evolução do pensamento ocidental e a consolidação da razão como a libertação do homem das suas tradições.

Segundo Alain Finkielkraut (1988, p. 23), a nação, dentro do projeto iluminista, estaria liberta das diferenças entre postos sociais. Todos desfrutariam dos mesmos direitos. A nação revolucionária desenraizava os indivíduos de toda dependência. Todos deixavam de depender de Deus, da família e da hereditariedade para nomear a razão coletiva. O poder não vinha mais do céu, mas da união, da vontade que formava o coletivo.

¹ Resumo no final do texto.

A partir destas ideias, o pensamento ocidental experimentou profundas mudanças, uma vez que a França se tornou não somente o modelo de nação para outros territórios que buscavam sua independência, mas também passou a ser referência intelectual da Europa. Assim sendo, encontramos nestes acontecimentos o prenúncio daquilo que mais adiante seria denominado de modernidade.

Em nossa discussão consideramos o conceito de modernidade segundo o pensamento de Ortega y Gasset *apud* Gilberto de Mello Kujawski que compreende *modernidade* como o enriquecimento. Este desperta em cada homem sua individualidade adormecida levando-o ao rompimento com a tradição. (1991, p.19)

Também, a partir do mesmo autor, consideramos o conceito de *crise* que não é compreendido apenas no âmbito econômico, mas na sua própria etimologia, como afirma o pensador Helio Jaguaribe (1984) *apud* Kujawski:

Uma análise do conceito de crise, no seu sentido mais amplo, tem indubitavelmente características de uma inquirição filosófica. Seria então levado a dizer que, no seu sentido mais amplo, a palavra crise – que etimologicamente significa “ruptura”, “conflito”, “luta”, em suas raízes gregas – exprime uma desconformidade estrutural entre um processo e seu princípio regulador. (1991, p.63)

No momento de *crise* ou de *ruptura*, o homem, principal agente desta transformação, passa a buscar sua individualidade a partir do afastamento das suas origens. Neste estágio, é possível ocorrer o olvido ou a negação, quando o passado é visto como um fato desarticulado da realidade vigente.

Esta experiência também é vivenciada na realidade artística, à medida que o novo pensamento busca se desvincular da imitação. A busca pela arte genuína se liberta do conceito da tradição, propõe as descobertas ao artista e, conseqüentemente, tanto este como o receptor de uma obra terão uma nova concepção do que é arte.

Walter Benjamin em seu ensaio, “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”, não atribui, a priori, às *técnicas de reprodução* a responsabilidade da separação do objeto de sua tradição, mas, àquilo que é atingido na obra de arte. Ou seja, a sua *aura*², esta seria o invólucro existente entre o atingível e o inatingível.

As *técnicas de reprodução* aproximam cada vez mais o observador do objeto observado à medida que este é desnudado. As obras, a partir da invenção da máquina, também são reproduzidas com maior velocidade e sua qualidade sofre alteração. Aquilo que outrora exigia uma reflexão para ser compreendido, é simplificado pelo movimento contínuo.

²A obra de arte na época da reprodução técnica. p. 13-14. Edição s/d.

Diante de algo *complexo*³, o observador não será capaz de apreendê-lo, porque para isto, é necessário o *pensamento complexo* que considera “a parte no todo e o todo na parte”. Ou seja, a relação dos saberes que se encontram separados e a necessidade de sua ligação por meio da reflexão, como argumenta Edgar Morin (2010, p. 14).

No que diz respeito à escolha do gênero literário discutido neste trabalho, detivemo-nos no romance, uma vez que este passou de um gênero de menor importância ao patamar mais elevado da narrativa literária de todos os tempos, como bem explicita Vitor Manuel de Aguiar e Silva “De mera narrativa de entretenimento, sem grandes ambições, o romance volveu-se em estudo da alma humana e das relações sociais, em reflexão filosófica, em reportagem, em testemunho polêmico, etc”. (2005 p.671)

Assim sendo, o romance *Parabélum* (1977), propõe-nos, a partir da *complexidade* da sua escritura, o desafio do ensaio literário-filosófico.

PARABÉLUM

Como enredo do romance, encontramos a história de um herói ou libertador que é anunciado ora através de profecias do Antigo Testamento, ora com passagens dos Evangelhos do Novo Testamento. O herói de *Parabélum* também é uma tessitura das histórias da tradição popular e dos feitos de outros personagens históricos.

A estrutura do romance em questão não nos permite limitá-lo a um enredo convencional, uma vez que o personagem principal, chamado herói, pode ter vindo e não ter sido reconhecido; pode ter sido como um sonho, uma reencarnação ou pode ser cada um de nós e/ou a eterna expectativa.

As fases da vida do herói, como o nascimento, a infância, a fase adulta que compreendem a atuação pública, a iniciação e as façanhas possuem semelhanças com personagens como Ulisses, Moisés, João Batista, Cristo, Dom Sebastião, Che Guevara, Lampião, Padre Cícero, Luiz Gonzaga, Jerônimo, J. Matias Fernandes e outros. O herói vivencia as injustiças de um poder autoritário. Sua realidade também é a das crianças nordestinas marcadas pela incerteza e pela miséria.

O final da obra, ao contrário da estrutura da narrativa tradicional, não tem um desfecho. O leitor se depara com versões para o desaparecimento do herói.

³Conceito compreendido a partir do pensamento complexo de Edgar Morin.

DISCUSSÃO DOS ELEMENTOS PROPOSTOS

No século vigente, a todo instante, deparamo-nos com questões relacionadas ao ritmo desenfreado das transformações sociais. Presenciamos uma sociedade desvinculada de suas tradições, que tem preferido seguir um modelo importado, considerado como um padrão ocidental.

Percebemos, nitidamente, tal postura neste tempo compreendido por alguns especialistas como *modernidade*, e, para outros, como *pós-modernidade*. É comum, em nossa sociedade, a negação consciente ou inconsciente do passado em função da novidade. Na velocidade das informações e das transformações, experimentamos a *ruptura* e a *crise*.

Mas, Kujawski orienta-nos sobre como devemos entender um momento de crise: “Também não procede a consideração abusiva de que a história estaria sempre em crise, o que equivale a considerar normal a febre permanente de 40 graus afetando toda a população. A crise não é uma constante histórica, nem é a ameaça do apocalipse, do final dos tempos.” (1991, p.63) Por isso, o autor afirma que um momento de crise também contribui com a renovação e a expansão da arte, pois crise não é sinônimo de decadência.

Há muitos exemplos no meio artístico que podem comprovar esta afirmação, mas, observemos este evento no campo da literatura, no que diz respeito à história dos gêneros literários. Isto pode ocorrer a partir da preferência que os escritores ou leitores de uma determinada época têm por um gênero. Como por exemplo, o que aconteceu com o gênero romance que, antes do século XVII, era considerado como uma escrita inferior. Nos séculos seguintes, especificamente, entre os séculos XVIII e XIX, houve uma vasta produção do gênero romance e o largo consumo deste porque atendia às expectativas de seu público leitor.

Mais adiante, nos primeiros anos do século XX, o romance enfrentou uma crise, denominada pela Teoria Literária de crise do romance moderno. Como resultado do grande número de publicações e a falta de interesse do público por este tipo de obras. Mas, de acordo com Vitor Manuel (2005, p. 684) é neste período que surgem os romances de análise psicológica, renovando os temas e explorando novos domínios do indivíduo e da sociedade numa escala mais profunda. Assim, também se destaca o romance do século XX.

Dentro desta infinidade de obras, publicadas desde aquele período até a atualidade, destacamos *Parabélum* (1977), a obra mais representativa do autor, segundo o próprio Gilmar de Carvalho, dentro de sua escritura literária, o que não significa que as outras obras não tenham sua

importância.

Em entrevistas e críticas sobre a sua própria escritura, cedidas a diversos periódicos do Ceará e outros de circulação nacional, o autor afirma ser *Parabélum* sua obra mais bem pensada e esquematizada. É neste projeto que Gilmar de Carvalho declara ter concretizado sua superação de escrita literária.

A escritura e a publicação de *Parabélum* se deram num momento em que a História do Brasil foi marcada por uma série de crises política, econômica, ideológica e cultural. Como é sabido, na década de setenta, o país ainda estava sob o regime da ditadura militar instaurada desde o golpe de 1964.

No romance de Gilmar de Carvalho, como bem apresenta a crítica de Saulo de Araújo Lemos (2005, p. 88-89), o leitor não encontrará uma referencialidade da história do Brasil de forma direta, mas indiretamente. No que diz respeito aos aspectos formais, sua escritura rejeita a imitação da narrativa tradicional para ser construída a partir da desleitura de outras narrativas e da oposição à leitura da sociedade consumista do século XX.

A extraordinária tessitura do herói se opõe à produção e à reprodução das obras literárias manipuladas pelo poder em vigência à época e, também, aos modelos saturados da narrativa comum, decorrentes da onda de publicações para o consumo em grande escala.

“Estão escrevendo um livro e eu me locomovo no tempo e me projeto em vários espaços. A estrutura rompe com toda a lógica e uma cronologia. É um romance sem clímax e sem carpintaria. (...) Nasci num tempo de iconoclastia em que nada pode ser levado a sério”. (p.57)

A ruptura e a locomoção do herói não ocorrem de modo inconsciente ou movidas por um espírito que nega o passado. Isto pode ser observado através da liberdade da locomoção do herói em relação às figuras míticas e, ao mesmo tempo, em seu diálogo com o século XX. A negação do herói é declarada no que diz respeito às “imitações” vazias de complexidade que visam apenas a satisfação de um mercado consumidor de arte que esgota o interesse do público e, ao mesmo tempo, faz do escritor a indústria desse produto.

Sobre esta questão consideremos as reflexões de Walter Benjamin em seu conhecido ensaio de 1936:

Durante séculos, um pequeno número de escritores encontrava-se em conforto com vários milhares de leitores. No fim do século passado, a situação mudou. Mediante a ampliação da imprensa, que colocava sempre à disposição do público novos órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais, regionais, viu-se um número crescente de leitores – de início, ocasionalmente – desinteressar-se dos escritores. (p.24)⁴

4A obra de arte na época da reprodução técnica. Edição s/d.

Parabélum, depois de trinta e seis anos de sua primeira edição, continua desconhecida do público leitor e da crítica acadêmica, mesmo depois da reedição de 2011. Mas, então, o que levou esta obra a ser esquecida?

Ao observarmos a crítica, em sua maior parte do punho do próprio autor, o não reconhecimento de *Parabélum* pode estar inicialmente ligado a dos fatores. O primeiro foi o motivo de a obra ter sido publicada no Ceará, ou seja, fora dos grandes centros editoriais do Brasil. O segundo é a complexidade que a sua escritura encerra, exigindo assim um público leitor mais experiente.

Em *A derrota do pensamento* Alain Finkelkraut nos leva a refletir sobre a primeira questão exposta por Gilmar de Carvalho que está diretamente relacionada à valorização, à propagação e à universalização do conhecimento projetadas para o século XX. O pensamento de Finkelkraut nos confronta com algumas indagações que põem em dúvida a realização de um projeto universal quando, nem sequer, buscamos conhecer e valorizar aquilo que está próximo a nós.

Isto não significa ter aversão ao que vem de fora, mas nos mostra a necessidade urgente que temos de repensar sobre os conceitos de cultura e de universal, de modo que o “todo esteja nas partes e as partes estejam no todo”⁵.

A tessitura de *Parabélum* pode ser mais bem compreendida dentro da proposta-desafio do *pensamento complexo* defendida pelo pensador Edgar Morin. Pois, do início ao fim desta narrativa, o herói é, ao mesmo tempo, tanto particular como universal. Por isso, sua composição se confunde às dos heróis de tempos e povos distintos, mas que ao final fala de nós mesmos:

Qual o sentido de um personagem múltiplo? Impossibilidade da síntese ou o herói descreve todas as trajetórias possíveis. Ou então é de um herói coletivo que queremos falar e desde já o anunciamos em todas as línguas. E ele está dentro de cada um de nós e se éramos estereis. Agora, geramos uma possibilidade de luta. **Parabélum** (2011, p. 23).

Como todo herói, o de *Parabélum* traz em si a marca do inconformismo, a busca pela revolução, o primeiro ou, quem sabe, o último a se impor contra os modelos convencionais, aquele que pensa e reage:

Sou um anjo que vive querendo, de noite e de dia. Para isto fui gerado: para meter o dedo dentro das feridas e constatar o pus. Não porque eu não acreditasse nele, mas para forçar a dor e antecipar o grito. Eu vim para mostrar que o espelho está partido e que já se cumpriram todas as profecias ou seja eu vim para fazer a revolução. Mas se não vai ser uma pessoa só a dar o berro, alguém vai ouvir meu grito porque ninguém negará a crise e a contradição. (...) Desde que nasci estou sempre lutando, embora digam que a causa é

⁵Edgar Morin (2010)

O herói metaforiza o papel do escritor intelectual que faz da linguagem poética a sua parabélum contra a alienação, a opressão e os desajustes do seu tempo. A crise, a ruptura e a contradição são fatos inevitáveis na trajetória humana, mas isto não é motivo para haver acomodação ou submissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste trabalho fazem parte de uma curta introdução a um projeto de pesquisa que ainda está em seu início. Aqui buscamos discutir as primeiras impressões de leitura que tivemos de *Parabélum* que veio a lume a partir das discussões do Grupo Literatura, História e outros saberes e também através dos trabalhos de catalogação realizados no arquivo pessoal do próprio escritor, disponível no Acervo do Escritor Cearense (AEC) da Universidade Federal do Ceará. Sabemos que *Parabélum* possui uma diversidade de elementos a ser bem mais explorada em ensaios posteriores, dos quais este trabalho é apenas o início de um Projeto de Pesquisa mais amplo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. “O romance: história e sistema de um gênero literário” In: **Teoria da Literatura**. 8.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2005. p. 471 - 786.

ARAÚJO LEMOS, Saulo de. **Expectativas heróicas: mito, história e leitura em *Parabélum***. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Ceará.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. Trad. José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial. s/d. [Coleção Os pensadores – História das grandes idéias do mundo ocidental]

CARVALHO, Gilmar de. **Parabélum**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011.

FILHO, Rogaciano Leite. Entrevista In: **O Povo**. Fortaleza Ceará, domingo 8 de maio de 1977. p. 38.

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. Trad. Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HABERT, Nadine. **A década de 70 apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996. [Série Princípios]

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A crise do século XX**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

“As idéias modernas de um homem romântico”. Pergunta/Resposta *In*: **Domingo do Povo**. Fortaleza 17 de janeiro de 1982.

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão de caráter literário e filosófico do romance *Parabélum* (1977), do escritor cearense contemporâneo Gilmar de Carvalho no contexto de sua produção. Buscaremos compreender a construção ideológica da obra supracitada, a partir de pensadores do século XX, numa reflexão que contempla a linguagem literária ante a vigência do moderno, da ruptura com a tradição e da proposta - desafio do *pensamento complexo* para o século XXI. Para isto, o trabalho terá como base teórica, dentre outras leituras, os ensaios “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” (1975), de Walter Benjamin, *A derrota do pensamento* (1988), de Alain Finkelkraut, *A crise do século XX* (1991), de Gilberto de Mello Kujawski e *A cabeça bem-feita* (2010), de Edgar Morin. Estes pensadores nos levaram a compreender as transformações do Ocidente, não apenas como um fato histórico, mas também como agentes modificadores do pensamento filosófico e da produção literária de nosso tempo.

Palavras-chave: Romance. Modernidade. Crise. Pensamento complexo. Técnicas de reprodução.